

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

A literatura como turismo

Seleção e texto de Inez Cabral

ALFAGUARA



Copyright © 2016 by herdeiros de João Cabral de Melo Neto
Copyright © 2016 by Inez Cabral de Melo

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Gustavo Soares

Foto de capa

DR/Ramón Couderc. Todos os esforços foram realizados para contatar o fotógrafo. Como não foi possível, teremos prazer em creditá-lo caso se manifeste.

Foto da p. 6

Foto de Inez Cabral com o pai, João Cabral de Melo Neto, nos anos 1950, a bordo do *Argentina Star*, com as marcas de corte feitas para publicação em um periódico da época (Acervo da família).

Imagem da p. 90

Cartão de visitas com anotações à mão de João Cabral de Melo Neto (Acervo da família).

Preparação

Eduardo Rosal

Revisão

Jane Pessoa

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Melo Neto, João Cabral de, 1920-1999.

A literatura como turismo / João Cabral de Melo
Neto ; seleção e texto de Inez Cabral. – 1ª ed. – Rio de
Janeiro : Alfaguara, 2016.

ISBN 978-85-5652-021-0

I. Poesia brasileira I. Cabral, Inez. II. Título.

16-05742

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

I. Poesia : Literatura brasileira 869.1

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

*Dedico este livro a Dandara, Sereno, Roberto, Diogo,
Renata, Joana, Mariana, e sua prole, Rodrigo e Vicente,
com toda a certeza os melhores poemas do vô João.*



Nota preliminar

Sempre fiquei incomodada com a expressão arregalada e a voz cheia de admiração das pessoas dizendo:

— Você é filha de João Cabral!

Não sou “boazinha”. Isso pode ser confirmado por quem me conhece. Então, a partir do dia em que ouvi essa frase pela enésima vez, comecei a perguntar a quem a proferia:

— Qual é o poema dele que você prefere?

Depois de perguntar isso, instalava-se geralmente um silêncio incômodo, o que me fez perceber que João Cabral era uma figura mítica, ensinado nas escolas e adotado nas provas de literatura do vestibular, mas depois esquecido e nunca mais lido, a não ser por quem fizesse letras.

Essa reação me incomodava, porque tenho certeza de que, quando ele escrevia, fazendo com que eu e meus irmãos andássemos quase na ponta dos pés e falando baixo porque “seu pai está trabalhando”, ele queria ser lido e buscava, como qualquer ser humano, apreço e reconhecimento por seu trabalho, que acontecia apenas quando era lido por críticos e colegas.

Decidi então que minha missão era tornar seus poemas mais lidos e amados, e mostrar facetas menos conhecidas de sua obra. Daí esta coletânea, tomando como tema os locais em que viveu e por onde viajou.

Aqui está uma antologia que não fala apenas dos dois grandes assuntos de João Cabral: Pernambuco, onde nasceu, e Sevilha, que o apaixonou. Afinal, ele foi diplomata, conheceu muitos lugares e escreveu sobre eles. Este livro é, portanto, um punhado de poemas

desses lugares, inclusive Sevilha, entremeado com breves relatos de minha vida ao lado dele. Espero que gostem, e que este livro os faça procurar ler suas obras maiores.

Inez Cabral

A literatura como turismo

Certos autores são capazes
de criar o espaço onde se pode
habitar muitas horas boas:
um espaço-tempo, como o bosque.

Onde se ir nos fins de semana,
de férias, até de aposentar-se:
de tudo há nas casas de campo
de Camilo, Zé Lins, Proust, Hardy.

A linha entre ler conviver
se dissolve como em milagre;
não nos dão seus municípios,
mas outra nacionalidade,

até o ponto em que ler ser lido
é já impossível de mapear-se:
se lê ou se habita Alberti?
se habita ou soletra Cádiz?

No engenho Poço do Aleixo, em São Lourenço da Mata, moravam Luiz Antônio Cabral de Mello e sua mulher Carmen Carneiro Leão Cabral de Mello, meus avós paternos, que preparavam uma viagem ao Recife, para que Carmen, às vésperas do parto de seu segundo filho (ou filha, na época não dava para saber), seguisse o que decretou seu pai: “Meus netos haverão de nascer todos no sobrado da família às margens da maré”, como era conhecido por eles o estuário do Capibaribe, que enche e vaza com as marés do oceano.

São Lourenço da Mata fica a menos de vinte quilômetros do Recife, mas dá para imaginar como deviam ser as estradas nessa época.

Chegaram de noitinha. Posso sentir o desconforto de minha avó, em final de gravidez fazendo uma viagem dessas.

Ao chegarem, o quarto principal do casarão ainda não tinha sido arrumado para o parto, portanto acomodaram minha avó e sua barriga no quarto dos santos, misto de quarto e capela, onde estavam os santos de devoção dos moradores, além de retratos de antepassados. Não acredito que fossem muito religiosos, supersticiosos eu sei que eram, mas na época era de praxe que as casas tivessem esses quartos.

Talvez por causa dos sacolejos da viagem, ou por impaciência de meu pai, ele resolveu nascer nessa mesma noite. Vou deixá-lo explicar seu nascimento:

Autobiografia de um só dia

A Maria Dulce e Luiz Tavares

No Engenho do Poço não nasci:
minha mãe, na véspera de mim,

veio de lá para a Jaqueira,
que era onde, queiram ou não queiram,

os netos tinham de nascer,
no quarto-avós, frente à maré.

Ou porque chegássemos tarde
(não porque quisesse apressar-me,

e, se soubesse o que teria
de tédio à frente, abortaria)

ou porque o doutor deu-me quandoos,
minha mãe, no quarto-dos-santos,

misto de santuário e capela,
lá dormiria, até que para ela

fizessem cedo no outro dia
o quarto onde os netos nasciam.

Porém em pleno Céu de gesso,
naquela madrugada mesmo,

nascemos eu e minha morte,
contra o ritual daquela Corte,

que nada de um homem sabia:
que ao nascer esperneia, grita.

Parido no quarto-dos-santos,
sem querer, nasci blasfemando,

pois são blasfêmias sangue e grito
em meio à freirice de lírios,

mesmo se explodem (gritos, sangue),
de chácara entre marés, mangues.

Quando meu avô foi fazer a certidão de nascimento de meu pai, a data de sua vinda ao mundo foi registrada como 6 de janeiro de 1920. Mas vó Carmen passou a vida inteira dizendo que a data estava errada e que, na verdade, ele nasceu no dia 9. Como dizem que mãe não se engana, durante toda a sua vida, seu aniversário seria comemorado no dia 9 de janeiro. Quando criança, eu não entendia o porquê de não comemorarem as duas datas, por via das dúvidas, até porque nessa época morávamos em Sevilha, e dia 6 de janeiro é dia dos reis Magos, dia de ganhar presente na Espanha. (Papai Noel era uma figura desconhecida por lá na época.) Aliás, eu achava mesmo é que tinham que comemorar durante os três dias seguidos, com festas, brigadeiros, presentes e tudo que aniversário tem de bom. Mas, fazer o quê? Ele nunca foi uma pessoa festeira.

Depois do seu nascimento, meus avós voltaram para o interior, onde durante dez anos viveram em três engenhos da família, como ele explica:

Menino de três Engenhos

Lembro do Poço? Não me lembro?
Que lembro do primeiro Engenho?

O Engenho Poço

Não vejo onde começariam
a lembrança e as fotografias.

Rio? Um nome: o Tapacurá,
rio entre pedras, a assoviar,

e um dia quase me afogou:
lembro? ou alguém me contou?

Do Poço talvez lembre mesmo
é de um grande e geral bocejo

(ainda em mim, que ninguém podia
fazer dele fotografia).

Talvez lembre o ser-para-ruína,
do fornecedor, ser-para-a Usina,

que então tinha toda nas unhas
a várzea ex-Carneiro da Cunha.

Foi pouco tempo, mas é o Engenho
de que porém melhor me lembro.

Pacoval

Era engenho dos mais humildes
da vizinhança onde ele assiste.

A moita do Engenho, já morta,
(existia, ou é só na memória?)

amadurecia ao sol e à lua
as coxas secas, já de viúva.

Dos “Engenhos de minha infância”,
onde a memória ainda me sangra,

preferi sempre *Pacoval*:
a pequena Casa-Grande de cal,

com telhados de telha-vã
e a bagaceira verde e chá

onde logo eu e meu irmão
fomos a um futebol pé no chão.

Em Dois Irmãos era outra a fala;
aquele era um engenho de sala.

Dois Irmãos

Mesmo sendo de fogo morto,
seu cerimonial já era outro.

Já se acordava de sapato,
não como em *Pacoval*, descalço.

A casa-grande, de fato grande,
se não histórica C.G. Grande,

tinha em si certa qualidade
ambígua de campo e cidade.

Mas com tudo isso era um engenho,
era engenho, mesmo não moendo,

e, mesmo se há de estar calçado,
o chão é de chão, não de asfalto.

Sim, se gastavam mais sapatos,
e as mulheres, dos de salto alto.

E veio em Trinta a “Salvadora”,
a primeira de muitas outras

A “Salvadora”

que disse vir para salvar
e pôs-se a salvar seu salvar,

e salvar o salvar do salvar
até que o salvar foi enredar.

Doutor Luiz, de Dois Irmãos,
perrepista, a Revolução

tinha de começar por ele
a lançar, salvadora, a rede:

a redada não valeu o lance
(algum fuzil, alguma amante).

Mas Doutor Luiz, Melo Azedo,
foi devassado e, mesmo, preso.

Desgostado, ele esquece a Cana.
Vai politicar. Tem diploma.

Nessa primeira infância, além de brincar com os moleques e seus irmãos na bagaceira do engenho, um de seus maiores prazeres era ler para os cassacos os romances de cordel que estes traziam da feira, como ele conta em um de seus poemas — “Descoberta da literatura”, de *A escola das facas*. Essa foi sua brincadeira dominical, até que o irmão mais velho descobriu e contou ao pai, que imediatamente proibiu-o não só de ler para os trabalhadores do eito, como ler esse tipo de literatura “de cegos e meliantes”. Não preciso destacar aqui o enorme prazer do proibido, portanto acredito que essa proibição não tenha sido levada a sério demais. Outro grande prazer para ele foi ensinar a sua mucama, Margarida, a ler e a escrever, para provar que as histórias tinham sempre o mesmo final, pois a mocinha adorava mudar o encerramento das histórias que contava.¹

Em 1930, chegou a Revolução e vô Luiz se envolveu nela. O resultado foi o incêndio do Engenho Dois Irmãos, onde moravam, e a saída da família para o Recife.

Dessa primeira infância, ele guardaria para sempre as melhores recordações da sua vida, chegando a dizer que seus sonhos bons se passavam sempre nos engenhos, e seus pesadelos recorrentes eram sempre sobre sua volta à cidade que o viu nascer. Talvez por causa da violência que expulsou a sua família de casa.

Passou então a estudar no Colégio Marista. Foram tempos difíceis, seu pai sofria perseguição política por parte do governador, tendo, portanto, que sobreviver de trabalhos temporários até 1937.

Acredito que foi nessa época escolar que ele passou a detestar música, pois era desafinadíssimo e, nas aulas de solfejo, o professor o mandava jogar bola. Ele sempre dizia que achava aquilo ótimo, mas tenho para mim que para um garotinho tímido como ele, e excelente aluno nas outras matérias, devia ser constrangedor ser colocado em evidência por uma deficiência que não podia controlar. De tanto jogar pelada com os moleques durante as aulas de canto, acabou sendo convidado como jogador juvenil no seu time do coração, o América do Recife. Quando o treinador foi conversar com a minha avó, ela só permitiu que ele jogasse futebol se fosse pelo time dela, o Santa Cruz, pelo qual foi campeão juvenil em 1936. A vergonha imposta pelos padres ao expulsá-lo das aulas de canto foi, portanto, mais construtiva para ele do que decorar partituras e cantar em corais.

Outro fato que ele contava sempre era que no colégio detestava poesia, pois só o faziam ler poemas parnasianos e líricos, que achava desinteressantes e derretidos. Em 1936, caiu-lhe nas mãos uma antologia de poesia moderna com poemas de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Jorge de Lima. Ficou fascinado. Descobriu então que poesia não se fazia apenas falando de sentimentos, e o que pensou na hora foi: “Então isso também é poesia? Isso é fácil, eu consigo fazer”. Na poesia também cabe a prosa, ela pode ser irônica e falar de assuntos cotidianos, como descobriu ao ler Carlos Drummond de Andrade. Morria aí, ainda em embrião, um futuro crítico literário, seu primeiro sonho profissional. Tinha noção do grau de cultura necessária a um crítico e achou que fazer poesia era mais fácil. Ao terminar o clássico (o ensino médio de hoje), por conta dos problemas políticos e financeiros de seu pai, a mensalidade do colégio estava atrasada. Circulou a notícia de que os alunos com as mensalidades em atraso não poderiam prestar o exame. Por causa da timidez que o afligia, apesar de ser ótimo aluno, preferiu não comparecer, temendo ser barrado na prova. Portanto, nunca se formou.

Em 1942, seu irmão mais velho, Gi para a família — o segundo era Jó —, encontrou alguns poemas de João trancados numa gaveta e mostrou-os ao pai, que ao lê-los entrou em contato com a Empresa Gráfica Brasileira, a melhor gráfica do Recife na época, e mandou imprimi-los. Nascia assim seu primeiro livro, *Pedra do sono*, com tiragem de trezentos exemplares doados a amigos, e quarenta em edição de luxo vendidos a primos e parentes ricos com a finalidade de financiar a edição.

Por conta de uma dor de cabeça que o afligia desde os dezessete anos, segundo ele por causa de uma cabeçada num jogo de futebol, pediu para ser internado num sanatório dirigido por um parente, que resolveu dar-lhe placebos por achar que a dor não era real. Como não melhorou, seu primo disse-lhe então que só conseguiria a cura no Rio de Janeiro ou em São Paulo.

Em 1943, prestou concurso para o cargo de assistente de seleção do Dasp (Departamento Administrativo do Serviço Público), foi aprovado e se mudou para o Rio de Janeiro, apesar dos protestos de sua mãe, que preferia manter os filhos por perto. Em represália, ela disse que nunca lhe escreveria enquanto estivesse fora. Notícias da família lhe chegavam através de cartas do pai e dos irmãos, recheadas de recados de sua mãe, que por causa da promessa feita, nunca lhe escreveu.

De um avião

A Afonso Arinos, Filho

I

Se vem por círculos na viagem
Pernambuco — Todos-os-Foras.
Se vem numa espiral
da coisa à sua memória.